

O SURGIMENTO, FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA

Olga Suely Soares de Souza
Cleonaldo Gil Barbosa

Resumo: Este artigo discute aspectos relevantes envolvendo a origem, formação e desenvolvimento da Sociologia. Debate, ainda, as influências das revoluções: industrial e francesa, para o surgimento dos estudos sociológicos, dando ênfase ao Positivismo e ao materialismo histórico. Procura mencionar, dessa forma, a importância da Sociologia para o estudo dos fatos sociais e para a compreensão das sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Positivismo; Capitalismo; Sociedade; Fatos Sociais.

Abstract: This article discusses relevant issues surrounding the origin, formation and development of Sociology. Debate also the influences of revolutions: industrial and French, to the emergence of sociological studies, focusing on Positivism and historical materialism. Search mention thus the importance of sociology for the study of social facts and the understanding of contemporary societies.

Keywords: Positivism; Capitalism; Society; Social Facts.

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia é uma ciência de grande relevância para o estudo e compreensão das relações humanas na sociedade. Mas antes de adentrar em uma analogia acerca dos métodos e resultados adotados pela mesma, deve-se conhecer a sua origem para que haja um entendimento mais didático em torno de suas conjecturas e inferências sociais.

Atualmente, a Sociologia é uma das ciências humanas mais consultadas quando se trata de problemas sociais diversos. Para melhor compreendê-la, faz-se necessário um estudo mais acurado acerca de seu surgimento, formação e desenvolvimento, dando, dessa forma, ênfase ao seu contexto histórico.

O objetivo deste estudo é discutir os aspectos relevantes da origem, da formação e do desenvolvimento da Sociologia. Para tanto, procura avaliar as influências da Revolução Industrial e da Revolução Francesa para o surgimento dos estudos sociológicos, dando ênfase ao Positivismo e ao Materialismo Histórico. Procura ainda debater sobre a importância da Sociologia para o estudo dos fatos sociais e para a compreensão das sociedades contemporâneas. Por meio de pesquisa exploratória bibliográfica apresenta a ideias de teóricos acerca da temática discutida, quais sejam, Paulo Dourado de Gusmão, Benjamim Marcos Lago e Carlos Benedito Martins.

Em síntese, a Sociologia, desde o seu surgimento não parou de influenciar e ser influenciada pelo universo intelectual. Por esse prisma, diversas abordagens, de diferentes áreas do conhecimento, adentraram em discussões que visavam fundamentar ou ser fundamentadas por teorias sociológicas. Deve-se mencionar algumas correntes que deram seguimento aos trabalhos dos precursores Comte, Durkheim, Weber, etc., como os teóricos da Escola de Frankfurt: Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969), Walter Benjamin (1892-1940), Herbert Marcuse (1898 -1979), Jüngern Habermas (1929), que por meio de teorias críticas observaram e descreveram fenômenos sociais como a

Indústria cultural; a angústia mítica; a teoria da grande negação, a violência estrutural e a lei da alternância. Os estudos sociológicos foram também perpetuados pelos neo-marxistas: Louis Althusser (1918-1990), Pierre Bourdieu (1930) e Antonio Gramsci (1891-1937), que partiram do método marxista, dando-lhe nova abordagem ao discutir os fenômenos sociais. Eles defendiam a tese de que grande parte da dominação não é feita pela força, mas, sobretudo ideologia que promove o convencimento.

Conclui retomando a palavra de Gusmão, para quem a sociologia deve se voltar exclusivamente para apenas uma abordagem da vida humana: o social, tendo em vista que esta se compõe de ações, interações, símbolos, valores, estruturas, funções, organizações etc., preterindo os outros objetos que devem consistir em objetos das outras ciências, sem, no entanto, negar o caráter interdisciplinar que entre eles. Por fim, considera que o estudo sociológico se reveste de análise objetiva, metódica, sistemática para possibilitar a qualquer tempo a conferência e controle dos resultados obtidos por meio de suas pesquisas.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA SOCIOLOGIA

Surge em um momento histórico de grandes mudanças, uma ciência que se propunha a estudar os fenômenos sociais, até então novos e que eram responsáveis por criar situações caóticas na Europa. Esta seria denominada de Sociologia pelo seu idealizador, o filósofo Auguste Comte (1798-1857).

Incumbe destacar, no entanto, que

a Sociologia, como ciência, foi inegavelmente fundada no século passado, em 1828, por COMTE, com seu *Cours de Philosophie Positive*. Não sob a denominação de “Sociologia”, mas como “Física Social”, pois só foi batizada com o nome que até hoje é conhecida, pelo próprio COMTE em 1839 [...] (GUSMÃO, 1983, p. 11).

Auguste Comte percebeu que termo *Física Social* seria inadequado para designar a sua ambiciosa ciência e resolveu nominá-la de Sociologia que etimologicamente é um termo híbrido, originado do latim *socius*, literalmente, companheiro, por extensão sociedade, e do grego *logos*, que significa razão, discurso, estudo, ampliado modernamente para o significado de ciência (LAGO, 1996, p. 14).

Nessa seara, é adequado demarcar o contexto histórico no qual a Sociologia nasceu. Enquanto a Europa passava por um período de transição sistêmica no qual o feudalismo decadente cedia espaço para o modelo capitalista, um caos social fora criado. Já que os burgos eram substituídos por um novo modelo de agremiação social: as cidades, que nasciam sem infraestrutura, sem planejamento urbano etc. Foram impulsionadas, ainda, pelo surgimento de duas grandes revoluções: a industrial e a francesa que estimularam a divisão da sociedade em duas classes distintas: a burguesia que detinha os meios de produção e o proletariado, responsável pela mão de obra. Segundo Carlos Benedito Martins (2002, p. 11),

a dupla revolução que este século testemunha – a industrial e a francesa – constituía os dois lados de um mesmo processo, qual seja, a instalação definitiva da sociedade capitalista. A palavra sociologia apareceria somente um século depois, por volta de 1830, mas são os acontecimentos desencadeados pela dupla revolução que a precipitam e a tornam possível.

2.1 A Revolução Industrial e da Revolução Francesa no contexto da Sociologia

No século XVIII, inicia-se a Revolução Industrial tendo como país sede a Inglaterra. Nesse período, o modo de produção artesanal da idade média fora substituído pela tecnologia das máquinas a vapor, gerando uma transformação social bastante tumultuada. Como as máquinas produziam em larga escala, várias pessoas perderam seus empregos. Fator que já assinalava o desemprego como um problema social grave. Além disso, a Revolução Industrial trouxe um novo ambiente de trabalho: as fábricas que eram administradas pelos patrões burgueses que exploravam os trabalhadores obrigando-os a exercer suas atividades laborais por cerca de 10 (doze) horas diariamente, sem ter praticamente direitos trabalhistas. Nesse sentido acrescenta Martins (2002, p. 13) que

a transformação da atividade artesanal em manufatureira e, por último, em atividade fabril, desencadeou uma maciça emigração do campo para a cidade, assim como engajou mulheres e crianças em jornadas de trabalho de pelo menos doze horas, sem férias e feriados, ganhando um salário de subsistência.

Será que esses acontecimentos são mesmo importantes para a Sociologia? Para Martins (2002, p. 15), “[...] a profundidade das transformações em curso colocava a sociedade num plano de análise, ou seja, esta passava a se constituir em problema, em objeto que deveria ser investigado.”. Nessa perspectiva, “a sociologia constitui em certa medida uma resposta intelectual às novas situações colocadas pela revolução industrial” (MARTINS, 2002, p. 16).

Apesar de todas as mazelas mencionadas, a Revolução Industrial, assim como a Revolução Francesa, foram vitais para progresso do Capitalismo ao assinalar o novo modelo de agrupamento social que seria adotado pelos países da Europa e posteriormente da América.

A Revolução Francesa tem como marco inicial o ano de 1789, fortemente influenciada pelos ideais iluministas propagados por filósofos e escritores dos séculos XVII e XVIII, como John Locke, Montesquieu, Diderot, Voltaire, Jean Jacques Rousseau, Emanuel Kant, que “concebiam o indivíduo como dotado de razão, possuindo uma perfeição inata e destinado à liberdade e à igualdade social” (MARTINS, 2002, p. 21). Por meio de suas obras, tais filósofos deixaram um legado político e social que ajudou a estruturar intelectualmente as sociedades moderna e contemporânea.

Cumprir destacar então o impacto social que a Revolução Francesa causou ao eliminar a estrutura feudal e o estado monárquico:

O objetivo da revolução de 1789 não era apenas mudar a estrutura do Estado, mas abolir radicalmente a antiga forma de sociedade, com suas instituições, seus costumes e hábitos arraigados, e ao mesmo tempo promover profundas inovações na economia, na política, na vida cultural etc. (MARTINS, 2002, p. 24).

Tais objetivos foram em parte atingidos por meio de golpes contra a igreja, as instituições, os costumes da época, criando uma situação caótica que perdurou por vários anos na França, até chegar a uma condição de normalidade.

Sob o alicerce ideológico da trilogia liberdade, igualdade e fraternidade, a Revolução Francesa influenciou o mundo ao desenvolver uma nova concepção de

política, de estado e de sociedade.

A sociologia recebeu relevante contribuição da Revolução Francesa, principalmente para o seu surgimento e formação, visto que esta patrocinou uma mudança na forma de pensamento ao questionar, baseada, inclusive, em argumentação científica, o controle teológico da sociedade, ou seja, a partir da revolução francesa, o conhecimento paulatinamente procurou abandonar a visão sobrenatural, para explicar os acontecimentos sociais por meio de uma averiguação racional da natureza e da sociedade.

2.2 O POSITIVISMO E O MATERIALISMO HISTÓRICO

Auguste Comte, ao observar o caos social criado principalmente pela revolução francesa, elabora a teoria positivista que teve uma função decisiva ao contribuir para a construção do método de investigação sociológico, mais especificamente em sua fase de formação. Por esse viés,

Auguste Comte, em que pese ter permanecido dentro de uma estrutura de pensamento filosófica, embasou condições metodológicas que, posteriormente, conduziram a Sociologia para o domínio integralmente científico. O que caracterizou como estática (teoria da ordem) e dinâmica (teoria do progresso) foi-se definindo na consideração da estrutura e organização social (CASTRO, 2003, p. 75).

Comte, em sua obra “Apelo aos conservadores”, de 1855, atribuiu sete definições ao vocábulo Positivismo: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático, que vão nortear os estudos sociológicos até meados do século XX, fomentando a necessidade da disciplina, da ordem e do progresso. Partindo desse postulado, expõe Paulo Dourado de Gusmão que Comte sustentou a sua tese na Lei dos Três Estados ao afirmar que a história da humanidade passou por três períodos:

estado teológico, em que forças sobrenaturais deram explicações aos fenômenos e em que a religião predominou, estado metafísico, em que forças abstratas substituíram as forças sobrenaturais na explicação do mundo, e, por último, estado positivo, em que o homem, renunciando aos conhecimentos absolutos e ao problema das origens e das finalidades, explica os fenômenos através de leis naturais e efetivas (GUSMÃO, 1983, p. 22).

Para Comte, a organização social teria respeitado esta lei de desenvolvimento linear. Portanto foi na Lei dos Três Estados que o pai da Sociologia fundamentou a teoria positivista com a tese de que o homem passou por três estágios sucessivos em sua evolução intelectual: o Teológico (inicial), no qual predomina a religião; o Metafísico (transitório), predomínio da metafísica e o Positivo (estado definitivo) onde há o predomínio da Sociologia que, para ele, deveria ser a “rainha das ciências”.

Praticamente contemporâneo ao Positivismo Comtiano, o Materialismo Histórico desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Hegel também merece destaque, pois enquanto o Positivismo estava preocupado em trazer uma nova disciplina social, tornando-se assim colaborador do Estado e da classe dominante, que na época já era a burguesia, o Marxismo produzia a cartilha que apontava a divisão das classes sociais e fazia um convite convincente à organização do proletariado em nome de seus direitos.

Nesse sentido, faz-se necessário salientar também que

enquanto para Hegel a base da dialética é o “espírito fundamental”, para Max é a matéria e, na sociedade, a matéria de natureza econômica. A dialética – tese, antítese e síntese – que se repete a cada síntese determina todo processo histórico como luta de classes (CASTRO, 2003, p. 58).

Especificamente, para a Sociologia, o Materialismo Histórico foi de suma importância, pois o marxismo contribuiu para a elaboração “[...] de uma teoria sistemática da estrutura e das transformações sociais” (CASTRO, 2003, p. 59), sendo posteriormente retomada pelos sociólogos neo-marxistas.

3 O DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA

Diferentes intelectuais e filósofos como Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920), fizeram uma releitura ao positivismo Comtiano e propiciaram à Sociologia conquistar de fato o *status* de ciência social levando-a ao universo acadêmico. “Durkheim dividiu a Sociologia bidimensional – Morfologia e Fisiologia Social – caracterizando melhor a abordagem científica, libertando-a da Filosofia” (CASTRO, 2003, p. 82). De acordo com a sua teoria, o fato social (que é todo acontecimento que envolve o ser humano), por ser fenômeno *sui generis*, distinto dos indivíduos, precisa ser tratado como “coisa”, portanto, tem que ser analisado de maneira racional, técnica, desprovido de qualquer subjetividade ou sentimento, pois estes podem afastar a análise sociológica do campo científico.

Ao analisar a estrutura das sociedades, Durkheim percebeu que há dois “tipos” de sociedade: uma organizada por solidariedade mecânica e a outro por solidariedade orgânica. A solidariedade mecânica é facilmente encontrada em sociedades geralmente menores, que possuem consciência coletiva forte, são mais familiares, nelas imperam o direito penal (tudo é punitivo), em síntese, são aquelas onde a divisão do trabalho ainda é sexual, ou seja, existe trabalho que só a mulher deve realizar, por exemplo, as atividades domésticas. A solidariedade orgânica é uma característica da “sociedade diferenciada”, que é, por sua vez, maior, mais tecnológica, menos familiar, a divisão do trabalho é por especialização, impera o direito contratual, sendo, enfim, mais técnica.

Os trabalhos de Durkheim foram essenciais para o desenvolvimento da Sociologia, pois ele procurou desenvolver métodos mais precisos e objetivos para a observação e análise dos fatos sociais. Assim como Durkheim, Max Weber (1864-1920) “preocupado também com a delimitação do campo da Sociologia [...], caracteriza-a como uma ciência para compreensão e para a interpretação do comportamento social” (CASTRO, 2003, p. 63). Suas abordagens disseminaram as bases da Sociologia moderna ao lançar a teoria positivista com uma nova roupagem, identificando-a como Funcionalismo ou Idealismo. Para ele a sociedade é como uma “teia” na qual todo ser humano realiza uma função que coopera para o equilíbrio ou desequilíbrio social. Sendo assim, “Max Weber tipifica o social – idealtipo – sem seccionar estruturas e instituições, antes, globalizando-o na ‘Sociologia Compreensiva’” (CASTRO, 2003, p.82).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a Sociologia, desde o seu surgimento não parou de influenciar e ser influenciada pelo universo intelectual. Por esse prisma, diversas abordagens, de diferentes áreas do conhecimento, adentraram em discussões que visavam

fundamentar ou ser fundamentadas por teorias sociológicas. Deve-se mencionar algumas correntes que deram seguimento aos trabalhos dos precursores Comte, Durkheim, Weber, etc., como os teóricos da Escola de Frankfurt: Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969), Walter Benjamin (1892-1940), Herbert Marcuse (1898 -1979), Jüngern Habermas (1929), que por meio de teorias críticas observaram e descreveram fenômenos sociais como a Indústria cultural; a angústia mítica; a teoria da grande negação, a violência estrutural e a lei da alternância.

Os estudos sociológicos foram também perpetuados pelos Neo-marxistas: Louis Athusser (1918-1990), Pierre Bourdieu (1930) e Antonio Gramsci (1891-1937), que partiram do método marxista, dando-lhe nova abordagem ao discutir os fenômenos sociais. Eles defendiam a tese de que grande parte da dominação não é feita pela força, mas, sobretudo ideologia que promove o convencimento.

É preciso reconhecer, no entanto, que “a sociologia só deve estudar um único aspecto da vida humana: o social, principalmente enquanto composto de ações, interações, símbolos, valores, estruturas, funções, organizações etc.” (GUSMÃO, 1983, p. 13). Os demais problemas devem ser objetos de outras ciências. Isso não significa que elas sejam absolutamente independentes, pois a interdisciplinaridade representa também uma complementação de informações.

O perigo aparece quando elas são norteadas por fontes empíricas, baseadas em especulação, sem averiguação científica. Um estudo para ser considerado sociológico precisa, portanto, ser resultado de análise objetiva, metódica, sistemática para possibilitar a qualquer tempo a conferência e controle dos resultados obtidos por meio de suas pesquisas.

5 REFERÊNCIAS

- CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de. *Sociologia do direito: fundamentos de sociologia geral aplicada ao direito*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes (Orgs.). *Introdução ao pensamento sociológico*. 15. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- GUSMÃO, Paulo Dourado de. *Manual de sociologia*. 6. ed. RJ: Forense, 1983.
- LAGO, Benjamim Marcos. *Curso de sociologia e política*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MARTINS, Carlos Benedito. *O que é sociologia*. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.